



Marco Antonio Coutinho Jorge

FUNDAMENTOS DA PSICANÁLISE DE FREUD A LACAN

vol.3: A prática analítica

O paciente nunca se esquece novamente do que
experimentou sob as formas da transferência.

SIGMUND FREUD

É de meus analisandos que aprendo tudo,
que aprendo o que é a psicanálise.

JACQUES LACAN

INTRODUÇÃO

ESTE VOLUME, *A prática analítica*, encerra a trilogia sobre os *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan*, na qual apresentei as contribuições teórico-clínicas da psicanálise dando total relevo à leitura lacaniana de Freud. Nesse percurso, quis mostrar que o retorno a Freud empreendido por Jacques Lacan desde os anos 1950 teve como móbil principal retomar os fundamentos da psicanálise¹ para resgatar a ética inerente à prática analítica.

O resultado foi uma profunda renovação dos construtos teóricos psicanalíticos e suas derivações clínicas. Lacan reelaborou as categorias conceituais freudianas de diversos modos: dando ênfase a conceitos que nomeou de fundamentais; salientando noções que nunca tinham sido valorizadas e dando novo relevo para outras que haviam sido esquecidas; e, talvez mais essencialmente, retificando os desvios teóricos dos pós-freudianos. É o próprio Lacan quem – advertindo numa breve nota de seus *Escritos* que seu trabalho teórico foi semelhante ao de uma análise, o de tirar o excesso para fazer aparecer a estrutura do sujeito – define sua obra nos seguintes termos: “Uma obra que menos introduz do que questiona.”²

As investigações que nortearam o primeiro volume dessa série, intitulado *As bases conceituais*, centraram-se em torno dos conceitos de inconsciente e pulsão. Esses são não apenas dois dos quatro conceitos fundamentais da psicanálise: são também os que contêm toda a novidade inerente à abordagem psicanalítica. Articulei ali o conceito de pulsão com a noção freudiana de objeto perdido, relida por Lacan enquanto falta real constituinte do núcleo do inconsciente. Mostrei que é em torno dessa falta que o inconsciente se estrutura – no simbólico, pois não há outra estrutura – como linguagem.³

Condensei esses elementos em dois eixos principais e intimamente articulados: pulsão e falta; inconsciente e linguagem. Pensei favorecer, com essa articulação entre linguagem e sexualidade, que a teoria psicanalítica seja abordada de modo transdisciplinar. Numa época em que a cultura prossegue revelando a cada dia a força da diversidade sexual, transmitir o alcance e a radicalidade da teoria freudiana da sexualidade adquire dimensões francamente políticas e éticas.⁴ Meu trabalho desembocou no conceito de sublimação, privilegiado por representar aquela vicissitude da pulsão que, ao reintroduzir o impossível no

campo do proibido veiculado pelo recalque, dá a ela seu legítimo estatuto – a impossibilidade de sua total satisfação.

Amor, desejo e gozo surgem então como as três dimensões essenciais da sexualidade humana, cujo centro é constituído por uma falta. Estes são os termos que se conjugam para dar sentido à célebre formulação lacaniana “Não existe relação sexual”, sobre a qual já foi dito que resume toda a obra de Freud no que tange à questão da sexualidade.

No segundo volume, *A clínica da fantasia*, tratei do conceito freudiano que permitiu a criação de uma nova forma de tratamento psíquico denominado psicanálise: a fantasia. Concebida essencialmente como fantasia inconsciente, a fantasia é, de fato, fantasia de relação sexual. Onipresente na obra de Freud e no ensino de Lacan, mostrei que esse conceito se destacou em todos os momentos nos quais se realizaram os mais importantes avanços da psicanálise. Para citarmos dois deles, extremos: a fantasia emerge com toda sua importância em absoluta sincronia com a descoberta do inconsciente, quando Freud abandona a teoria da sedução e do trauma e dá a ela um lugar preponderante na clínica da histeria; e revela seu estatuto fundamental na concepção lacaniana de fim de análise, tributária do que Lacan denominou de travessia da fantasia – fantasia nomeada por ele justamente de fantasia fundamental.

Nesse segundo volume, dei especial destaque a uma propriedade da fantasia que ainda não tinha sido claramente demarcada: a de freio ao empuxo-ao-gozo da pulsão de morte. Demonstrei ainda, nessa mesma direção, sua íntima aliança com a função estruturante do Nome-do-Pai, de cuja operação – o recalque originário – ela é o principal efeito.

E pude isolar, na sequência dos diversos tempos da construção teórica freudiana, um eixo que permite renovar a visão que temos dessa obra ao estabelecer um encadeamento lógico que corresponde rigorosamente aos avanços produzidos pelo aprofundamento da experiência analítica. Em resumo: o período no qual Freud se debruçou sobre o tema da fantasia, que denominei de “ciclo da fantasia” (1906-11), sucede o “ciclo do inconsciente” (1900-05) e antecede o que proponho chamar aqui de “ciclo da técnica” (1912-15).

Assim, ao mesmo tempo em que é evidentemente um efeito direto das poderosas conquistas conceituais do ciclo do inconsciente, o ciclo da fantasia as condensa em proposições teóricas cruciais, em especial a oposição entre princípio de prazer e princípio de realidade.

Neste terceiro volume, *A prática analítica*, o leitor verá por que considero os desenvolvimentos do ciclo da fantasia como aqueles que permitiram a Freud

finalmente colocar no papel sua minuciosa e ponderada reflexão sobre a técnica analítica. Ainda que haja na obra de Freud o segmento que denomino “ciclo da técnica”, podemos considerar todo o conjunto de sua obra como sendo uma reflexão sobre a prática da psicanálise e sua forma de operar. Não há uma página sequer em que as questões postas pela prática analítica não surjam direta ou indiretamente. Mas, para poder redigir seus famosos “Artigos sobre técnica”, Freud precisou de um longo tempo de experiência clínica durante o qual elaborou com precisão e pôs à prova sua concepção do aparelho psíquico: é de se entender que não seria possível acionar qualquer forma de tratamento a não sendo-se previamente definido qual a estrutura que acreditamos poder manejar.

Neste volume, então, abordo detidamente não só o “ciclo da técnica” como também alguns momentos essenciais da obra de Freud em que a questão da prática analítica e seu método estão no primeiro plano de suas preocupações. Ver-se-á que a psicanálise, por seu aparato teórico e por seu método clínico, não pode ser incluída no rol das psicoterapias, que operam todas, em maior ou menor grau, através da sugestão, sendo oriundas da mãe-modelo de todas as psicoterapias, a hipnose, da qual justamente Freud se desvencilhou para poder criar o método analítico. Para a psicanálise, o sujeito já está hipnotizado pelo desejo do Outro e seu objetivo é desipnotizá-lo, o que Lacan chamou de despertar. A psicanálise opera de modo pontual e se furta às generalizações próprias ao saber psicológico, que servem para adormecer o sujeito ainda mais e fazê-lo caminhar sonambúlico nas redes da aliança contemporânea entre ciência e capitalismo.

Isso não implica de modo algum que a psicanálise não produza efeitos terapêuticos mais eficazes do que qualquer outra forma de psicoterapia. Pelo fato de operarem pela sugestão que lida com a resistência (efeito do recalque) de modo artificial, as psicoterapias não obtêm um efeito terapêutico profundo nem duradouro: as modificações que elas produzem são passageiras e muitas vezes reforçam de tal modo os mecanismos de defesa que conseguem apenas acentuar conflitos.

Quando Freud recomenda ao psicanalista esquecer o objetivo terapêutico, que ele qualifica ironicamente de *furor sanandi*, ele não está dizendo que a psicanálise não o inclui em sua perspectiva, mas sim que ter o objetivo terapêutico na mira do tratamento obscurece a visada do analista e focaliza os processos de elaboração num escopo demasiado reduzido da constelação simbólica do sujeito. Em suma, perde-se o essencial: o fato de que há uma sobredeterminação inconsciente responsável por uma estrutura psíquica única e singular de cada analisando. E é o acesso a essa estrutura simbólica inconsciente, rica

e complexa, que a psicanálise pretende dar ao sujeito. Uma analogia simples permite entender o que está em jogo aqui. Quando temos diante de nós uma grande pintura e estamos muito próximos a ela, não vemos senão aquele pedaço da tela que nosso foco permite. Mas se caminharmos aos poucos para trás até chegarmos a uma distância que permita ver a tela por inteiro, poderemos situar aquele pequeno pedaço no conjunto da obra e assim dar a ele uma significação que ele jamais terá isoladamente.

Assim, a psicanálise é bem mais ambiciosa do que as psicoterapias que visam curar sintomas: ela pretende obter uma transformação da posição subjetiva congruente com a máxima freudiana *Wo Es war soll Ich werden*, que implica tornar o Eu mais maleável às exigências do Isso. A análise propicia condições para lidar com os conflitos sem que o lugar do sujeito seja anulado pelo sintoma, mas a cura dos sintomas vem por acréscimo; ela é efeito da tarefa analítica, e não um fim em si mesma.

Percorro neste livro os pontos cardeais da prática analítica, explorando-os na maior sintonia possível com as filigranas da experiência. Investigo as questões clínicas através do diálogo que fomento continuamente entre a obra de Freud e o ensino de Lacan, para apresentar a minha visão pessoal da prática construída ao longo de um percurso que se iniciou na minha formação médico-psiquiátrica. A ênfase consistiu em dar vida aos pontos fortes que a constituem: entre outros, o dispositivo analítico que, sustentado pelo desejo do analista e regido por uma única regra, dá acesso ao inconsciente; a transferência, em sua dupla face de motor do tratamento e resistência; a distinção entre o eu e o sujeito, entre o imaginário e o simbólico, que norteia a escuta do analista; a dialética entre angústia e desejo; a finalidade da análise em sua relação com o pulsional.

O percurso de escrita de *A prática analítica* contou com a colaboração de muitos psicanalistas que acompanharam sua realização. Como gosto de sublinhar, o processo de construção teórica em psicanálise jamais se dá de modo isolado. Desde a singela Sociedade Psicológica das Quartas-feiras, em que Freud se reunia com seus discípulos iniciais, até os seminários de Lacan, nos quais uma enorme plateia participou passo a passo de três décadas de elaborações, a psicanálise sempre ganhou muito com a troca renovada entre seus operadores. É impressionante ver Freud nas reuniões das quartas-feiras construindo seu pensamento sempre em conjunto com seus alunos, interrogando e, em suma, se abrindo para a palavra e as descobertas do outro.⁵

Essa troca entre analistas deve ser feita de modo sistemático, contínuo, em que um saber se constrói à medida que certas questões são simbolizadas por eles. Por isso a importância das escolas de psicanálise e de seu trabalho cotidiano de formação permanente dos analistas. Cartéis, seminários, grupos de estudo, e também simpósios, congressos, jornadas, são todas atividades que fornecem ocasião para esse trabalho de construção conjunta. Produzindo uma inversão no sintagma freudiano do trabalho de transferência, Lacan nomeou o vínculo que une os analistas nessas instâncias de transferência de trabalho. A transferência de trabalho orbita em torno do trabalho obtido como fruto do desejo de saber, desejo no qual Lacan condensa o desejo do psicanalista.

A natureza dessa produção teórica é bastante particular; ela requer dos analistas uma abertura sem a qual a teoria se esteriliza recoberta pelo manto dos dogmas, tão adequados para fazer das escolas de psicanálise verdadeiras igrejas. Tive a oportunidade e a sorte de realizar bons encontros com colegas que sustentam uma posição de liberdade compatível com o núcleo candente da livre associação que rege todas as operações clínicas.

Agradeço meus queridos parceiros das diversas Seções e Núcleos do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise, no Brasil e na França, por partilharem comigo seu entusiasmo e dedicação à ética psicanalítica; os caros colegas do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais, pelo refinado diálogo que sempre me proporcionaram; a Rede Americana de Psicanálise e a Convergência, Movimento Lacaniano para a Psicanálise Freudiana, que têm constituído lugares especiais para excelentes trocas com colegas de diferentes regiões do Brasil e de outros países.

A forma final do texto contou com diversas sugestões de Clarice Zahar. Meu agradecimento a ela, assim como à querida amiga Ana Cristina Zahar, essa leitora especial que estimula com entusiasmo meus projetos. Obrigado a Bruno Pinto de Albuquerque, que foi de grande auxílio na organização final do livro. Meu agradecimento afetuoso a Cláudio Piccoli, sempre atento para conseguir as melhores condições para o difícil processo de criação. Com sua palavra e seu riso salutares, Eliane Maria Soares Gomes ocupa um lugar decisivo no modo como concebo a prática analítica.

Dedico este livro a meus analisandos, por consentirem no saber analítico de que há um sujeito que diz mais do que sabe. As duas epígrafes que escolhi para emoldurar essa obra se complementam: ambas se encontram no núcleo da transferência que sustenta a experiência analítica e a paixão pela psicanálise.

PARTE I

O PODER DA PALAVRA

1. O MÉTODO PSICANALÍTICO

Preocupo-me com o fato isolado e espero
que dele jorre, por si mesmo, o universal.

SIGMUND FREUD

NESTE CAPÍTULO, abordarei os principais momentos da obra de Freud em que ele constrói, passo a passo, o método psicanalítico. Trata-se de um período de mais ou menos vinte anos, que se estende de 1890 a 1910, durante o qual, defrontado com o real da experiência clínica, Freud mapeia os elementos essenciais da prática psicanalítica, ao mesmo tempo em que elabora os conceitos de inconsciente, pulsão, fantasia e sintoma. Nessa construção, o papel desempenhado pela regra da associação livre não poderia ser maior, razão pela qual Freud a denominará regra fundamental da psicanálise.

Palavras: instrumento essencial

Iniciaremos com a abordagem de um artigo de Freud bastante surpreendente, intitulado “Tratamento psíquico (ou mental)”, pois até 1966 acreditava-se que ele havia sido escrito em 1905, e por isso sempre figurava na edição das *Obras completas* de Freud no volume VII. Mas em 1966 Saul Rosenzweig, da Washington University em St. Louis, descobriu que ele havia sido escrito em 1890, o que, como veremos, lhe fornece um caráter altamente precursor.¹ O impressionante é que esse artigo parece conter todo um projeto clínico que Freud desenvolverá minuciosamente ao longo de sua obra.

Nesse texto de vinte páginas, Freud percorre com bastante mestria alguns caminhos que depois constituirão vários aspectos importantes da experiência psicanalítica: a transferência (sem, contudo, nomeá-la ainda) e, sobretudo, o poder da palavra no tratamento físico e mental. Em 1890, Freud já tinha estagiado na Salpêtrière em Paris, com Jean-Martin Charcot, o que se deu durante o inverno de 1885-86, e presenciara a forma como este tratava as pacientes histéricas pela hipnose; acabara também de passar algumas semanas em Nancy, onde

frequentou Ambroise-Auguste Liébeault e Hippolyte Bernheim, que tratavam os pacientes com sugestão e hipnose profunda.

Em Paris, numa das festas que Charcot oferecia semanalmente em sua estupenda mansão no boulevard Saint-Germain, Freud narra tê-lo ouvido comentar certa vez com Paul Brouardel que a sexualidade era o mais importante em casos de histeria. O mesmo sucedera com comentários que Freud ouvira de Josef Breuer e de Rudolf Chrobak, que insinuavam, muitas vezes de modo jocoso, a importância da sexualidade na gênese dos sintomas histéricos. Em seu ensaio sobre “A história do movimento psicanalítico”, Freud menciona que só depois pôde se dar conta de que tais comentários fortuitos de seus mestres mais importantes ficaram ressoando nele durante muito tempo. Mas o próprio Freud faz questão de sublinhar que eles o faziam de uma maneira que parecia cínica, que não levava a sério o fato mesmo com o qual se defrontavam: “Dou-me conta muito bem de que uma coisa é externar uma ideia uma ou duas vezes sob a forma de um *aperçu* passageiro, e outra bem diferente é levá-la a sério, tomá-la ao pé da letra e persistir nela, apesar dos detalhes contraditórios, até conquistar-lhe um lugar entre as verdades.” E prossegue, dando vazão a sua constante tendência a apreender na língua uma sabedoria maior: “É a diferença entre um flerte fortuito e um casamento legal, com todos os seus deveres e dificuldades. *Épouser les idées de...* [esposar as ideias de] não é uma figura de linguagem pouco comum, pelo menos em francês.”² Como Lacan gostava de observar, ser sério não é se vestir de cinza e ter ar carrancudo, mas sim fazer série, ter seriedade, ou seja, insistir com seu desejo numa determinada direção, seja ela qual for. O fato é que esses médicos reconheciam a importância da sexualidade, mas não levavam suas observações para a sala de apresentações científicas e só faziam comentários maliciosos nos corredores. Numa entrevista dada para um grupo de psicanalistas na presença de Jacques Lacan, Michel Foucault ressaltou que o grande escândalo da abordagem freudiana da sexualidade não foi o fato de Freud falar de sexualidade – coisa que muita gente fazia na época –, mas sim de abordá-la com uma determinada lógica – do inconsciente –, isto é, levá-la à sala dos debates científicos: “No fundo, Freud não fez senão tomar ao pé da letra o que ele um dia ouvira Charcot dizer: é justo da sexualidade que se trata. O forte da psicanálise é ter desembocado numa coisa inteiramente diferente, que é a lógica do inconsciente. E aí, a sexualidade não é mais o que ela era no início.”³

Mas em 1890, embora ainda não faça qualquer alusão à dimensão da sexualidade, surpreendentemente Freud já é capaz de afirmar de forma categórica a importância da linguagem e ponderar que, se o tratamento psíquico denota aquele que é realizado por medidas que atuam indispensável e imediatamente sobre a

mente, “de primeira importância entre tais medidas é o uso das palavras, [que] são o instrumento essencial do tratamento mental”.⁴ Freud menciona o poder “mágico” das palavras de uma forma que evoca *avant la lettre* o célebre artigo de Claude Lévi-Strauss “A eficácia simbólica”, que foi essencial para a elaboração da categoria do simbólico por Lacan. Mas Freud adianta que esse poder “mágico” não decorre de nenhum fato obscuro ou oculto e pode ser compreendido através da ciência, de forma que se possa entender como “os distúrbios patológicos do corpo e da mente podem ser eliminados por ‘meras’ palavras”.⁵ Freud constata com veemência aquilo que constituirá muito mais tarde o cerne dos desenvolvimentos estabelecidos por Lacan a partir de seu ensaio “Função e campo da fala e da linguagem na psicanálise”, no qual afirma: “O sintoma se resolve por inteiro numa análise linguageira, por ser ele mesmo estruturado como uma linguagem, por ser a linguagem cuja fala deve ser libertada.”⁶

Na verdade, o que surpreende nesse artigo tão precoce é a sua atualidade: as críticas que Freud faz aos hipnotistas e à técnica da sugestão são próximas daquelas hoje dirigidas às terapias de cunho cognitivo-comportamental, que insistem em tentar curar através de comandos e contracomandos que apenas reforçam a estrutura neurótica do sujeito. Sublinhando que a medicina moderna já estabelecera, através das conquistas obtidas na segunda metade do século XIX, com o abandono da escola de “Filosofia natural”, a relação entre corpo e mente, mostrando o efeito do primeiro sobre a segunda, Freud assinala que o contrário – a ação da mente sobre o corpo – fora deixado de lado, sobretudo pelo fato de a medicina temer abandonar as suas bases científicas recém-conquistadas, tais como a descoberta das células e dos micro-organismos. Mas os pacientes históricos, com sua “copiosidade e variedade de sintomas”,⁷ que se incluem nos casos de doentes que apresentam um distúrbio “funcional” do sistema nervoso, obrigaram os médicos a se deter na relação “mútua” entre corpo e mente.

Voltado então para o estudo da histeria com a qual se deparara em Paris, Freud chega a conceber uma tênue fronteira entre sintoma histórico e psicossomático; para ele trata-se aí de uma via de mão dupla: há uma ação igual da mente sobre o corpo, e não apenas do corpo sobre a mente, o que pode ser exemplificado através do fenômeno da “expressão das emoções”.⁸ Além disso, o estado afetivo – tristeza, preocupação, alegria – possui comprovadamente uma ação sobre a resistência física das pessoas, por exemplo, em sua “capacidade de resistir a moléstias infecciosas”.⁹ Um choque violento, de contentamento ou desgraça, pode chegar até mesmo a terminar com uma vida. Entre nós, temos o trágico registro do escritor João Guimarães Rosa, que temia a forte emoção ao ser empossado como imortal na Academia Brasileira de Letras, para

a qual foi eleito por unanimidade. Ele adiou essa cerimônia por quatro anos, mas morreu de um ataque cardíaco três dias após ela ter se realizado. Em seu discurso de posse, ele chegou a dizer, num tom de despedida que só depois se revelaria profético: “A gente morre é para provar que viveu.” Provavelmente, para Rosa, cuja obra magistral demonstra que ele atribuía importância crucial à linguagem, ser nomeado imortal só faria atrair a morte.

O fator da sugestão, cuja grande força mental pode reverter a favor da cura do crente, é destacado por Freud nas chamadas “curas milagrosas”. Mas ele opera também, por exemplo, quando alguém busca tratamento com um médico da moda. E em ambos os casos a ação da influência do grupo é proeminente. Na verdade, esse fator pessoal, ligado à “personalidade do médico” (que reside, sabemos hoje, na transferência que o paciente desenvolve com determinado médico e não com outro), é que fornece à sugestão todo o seu alcance, e às palavras, seu poder:

Agora, também, começamos a compreender a “mágica” das palavras. As palavras são o mais importante meio pelo qual um homem busca influenciar outro; as palavras são um bom método de produzir mudanças mentais na pessoa a quem são dirigidas. Nada mais existe de enigmático, portanto, na afirmativa de que a mágica das palavras pode eliminar os sintomas de doenças, e especialmente daquelas que se fundam em estados mentais.¹⁰

Assim, em 1890, ao demonstrar uma particular apreensão da relação íntima entre os fenômenos transferenciais e o poder da palavra, Freud já está estabelecendo as bases do método psicanalítico.

Mas não se pode esquecer que Freud está nesse momento envolvido com a hipnose, a qual ele qualifica de “estranho e imprevisível método”.¹¹ Em 1890, ele está no centro de suas pesquisas sobre a hipnose, que se desenrolaram entre 1888 e 1892: acabara de traduzir para o alemão, em 1888, o livro *Suggestion*, de Hippolyte Bernheim, que conhecera em Nancy, e de resenhar, em 1889, o livro *Hipnotismo*, de Auguste Forel. O interesse de Freud pela hipnose nesse período – nele suscitado alguns anos antes em seu estágio com Charcot em Paris, que fazia experiências de tratamento das histéricas por meio dela – desempenhou um papel essencial no seu percurso de criação da psicanálise e na sua concepção do inconsciente. Ao retornar de Paris, sua visão clínica havia sofrido uma reviravolta radical. A histeria se tornara seu foco de interesse a partir do encontro com um grande mestre.

Charcot e a soberania da clínica

Não é por acaso que Jean-Martin foi o nome que Freud escolheu para um de seus filhos, ele que sempre escolhia os nomes com o intuito de homenagear alguém. A importância da estada de Freud em Paris durante quatro meses, entre a primeira quinzena de outubro de 1885 e fevereiro de 1886, nos quais ele frequentou o serviço neurológico de Jean-Martin Charcot na Salpêtrière, não poderia ser maior.

Charcot criara ali, a partir de 1870, “um serviço especial reservado a um número bem grande de mulheres que sofriam de convulsões; algumas delas eram epiléticas e outras histéricas haviam aprendido a imitar as crises epiléticas”.¹² Charcot se dedicou então a estabelecer critérios para distinguir as convulsões e decidiu “estudar a histeria com o mesmo método que aplicava às afecções neurológicas orgânicas, e, com seu discípulo Paul Richer, forneceu uma descrição da crise histérica completa e típica (a grande histeria)”.¹³ Foi em 1878 que estendeu suas pesquisas para a hipnose, e sua comunicação em fevereiro de 1882 na Academia de Ciências levou essa instituição a reconhecer a hipnose, que, sob o nome de magnetismo, fora condenada por ela muitas vezes antes, desde que Franz Mesmer foi considerado um charlatão. Assim, Freud visita o serviço de Charcot quando este estava em plena pesquisa da histeria e da hipnose.

Como sintetizou Ola Andersson, um dos fundadores da historiografia erudita da psicanálise,¹⁴ nas abordagens iniciais que fez do campo psicopatológico, Freud foi exposto a duas posturas científicas diferentes: a de Theodor Meynert, para quem as explicações dos distúrbios psíquicos eram de natureza anatomo-fisiológica (método fisiológico explicativo), e a de Charcot, que sustentava que a observação clínica deveria se manter independente em relação à medicina teórica, isto é, à anatomia e à fisiologia.¹⁵

A ênfase na independência da descrição clínica pode ser percebida nos escritos de Charcot, e é possível notar o quanto ela marcou desde cedo as pesquisas do jovem Freud, que tinha o hábito de citar com prazer o seu dito “A teoria está muito bem, mas isso não impede que os fatos existam”. Oito meses após seu retorno do estágio em Paris, Freud escreve de modo muito significativo, numa carta a seu amigo Carl Koller:

Você tem razão ao supor que Paris significa para mim um novo início na existência. Lá eu encontrei um mestre, Charcot, tal como eu sempre o havia representado para mim, aprendi a ver clinicamente, na medida em que sou capaz disso, e trouxe comigo uma boa quantidade de conhecimentos positivos. Fui apenas bastante tolo por ter tido dinheiro só para cinco meses.¹⁶

Esse apego à soberania da clínica constituirá doravante a grande força do método freudiano. Ele dirá muito tempo depois: “Preocupo-me com o fato isolado e espero que dele jorre, por si mesmo, o universal.”¹⁷ Diante da clínica da histeria que lhe foi apresentada por Charcot, Freud parece ter se sentido de algum modo designado para prosseguir um caminho aberto pelo mestre parisiense, do qual ele conta ter ouvido um dia: descrevo as formas clínicas e anatômicas das patologias, mas, em relação aos mecanismos psicológicos, “guardo que algum outro o faça”.¹⁸ Não à toa, no “Relatório sobre meus estudos em Paris e Berlim”, Freud faz questão de assinalar: “Charcot costumava dizer que, falando de modo geral, o trabalho da anatomia estava encerrado e a teoria das doenças orgânicas do sistema nervoso podia ser dada como completa: aquilo que a seguir precisava ser abordado eram as neuroses.”¹⁹ O próprio Freud salienta que dedicou nesse relatório um espaço considerável para os fenômenos da histeria e do hipnotismo porque teve de abordar “aquilo que era totalmente novo e constituiu o objeto de estudos particulares de Charcot”.²⁰ Estudos empreendidos por Gladys Swain sobre o amplo percurso de Charcot na clínica da histeria – desde o primeiro artigo sobre o tema publicado em 1865 até a derradeira aula que proferiu em 1893, algumas semanas antes de sua morte, na qual trata dos sonhos e do poder das representações sobre o corpo – revelaram que “suas etapas e seus estratos nos recordam o trabalho de desbastamento e de acúmulo de material necessário para chegar à evidência do que chamamos de ‘psiquismo’ e que identificamos pela especificidade de suas perturbações”.²¹

Depois de ter abandonado a hipnose, Freud inaugura a via para uma outra clínica, não mais aquela de Charcot, de ver clinicamente, mas de ouvir. E, como frisou Peter Gay, o dito charcotiano “*La théorie, c’est bon, mais ça n’empêche pas d’exister*” (“A teoria está muito bem, mas isso não impede que os fatos existam”) “imprimiu-se como ferro ardente na mente de Freud ... e foi a principal lição que Charcot tinha a transmitir: a obediência submissa do cientista aos fatos não é a adversária, mas a fonte e a servidora da teoria”.²² Esse dito pode ser considerado o móbil profundo que impede Freud de hesitar em produzir suas grandes reformulações teóricas: dois amplos dualismos pulsionais; duas tópicas, interpoladas pela construção da teoria do narcisismo. Mais ainda, numa espécie de radicalização espetacular da fórmula de Charcot, no final da vida Freud chegará a aproximar o processo de teorização da produção de fantasias: “Sem especulação e teorização metapsicológicas – quase disse: fantasiar – não daremos outro passo à frente.”²³ Não à toa é a fantasia o conceito que irá percorrer a obra de Freud do início ao fim.